

TÍTULO DA EXPOSIÇÃO

ÁLBUM DE MEMÓRIAS

ÍNDIA PORTUGUESA

1954 a 1962

Texto da direcção do Padrão dos Descobrimentos

O Padrão dos Descobrimentos, dedicado a todos os que difundiram a cultura portuguesa no mundo, apresenta esta exposição como parte da sua memória viva, evocando o esforço e a coragem de todos os homens que são um testemunho das várias facetas da história lusa de além-mar.

Às memórias e imagens que a presente exposição comissariada por Fernanda Paraíso dá a conhecer, une-se o contributo do Observatório Político que introduz o enquadramento complementar à compreensão do quadro histórico e político em que se inscrevem os acontecimentos narrados. Não esquecendo o contacto, ligação e presença que Portugal estabeleceu na Índia a partir dos séculos XV-XVI e se prolonga no tempo, o Observatório Político analisa a conjuntura nacional e internacional, de meados do século XX, que nos permite actualmente compreender os acontecimentos conturbados que nesse tempo dividiram Portugal e a Índia.

A presente exposição assinala os 50 anos do regresso do último contingente militar da Índia Portuguesa.

Texto de Fernanda Paraíso

A exposição *Álbum de Memórias. Índia Portuguesa 1954-1962* baseia-se no espólio de fotografias, documentação e recordações dos militares que foram feitos prisioneiros de guerra na sequência da ocupação indiana, em Dezembro de 1961, recolhido com o apoio da Associação Nacional dos Prisioneiros de Guerra [ANPG].

Apresentamos uma visão inédita sobre os últimos anos da Índia Portuguesa, através da objectiva e do testemunho dos homens que naquele território prestavam serviço militar, e a memória dos cinco meses de cativeiro, reavivada pela transcrição de passagens de alguns diários.

Texto do Observatório Político da autoria de
Cristina Montalvão Sarmiento

José Adelino Maltez

Manuel Filipe Canaveira

Patrícia Oliveira

Ana Filipa Guardião

Teresa Furtado

PRISIONEIROS DA MEMÓRIA HISTÓRICA

«Que cidade complexa, apaixonante, não terá sido esta Velha Goa portuguesa, sucessora de Cochim, pia e sensual, ardente de sonhos generosos, de puras ambições heróicas...»

RODRIGUES, Urbano Tavares, *Velha Goa, cidade santa / Urbano Tavares Rodrigues. - Antologia da terra portuguesa.*

12), In: Goa, Damão e Dio / introd., sel. e notas Manuel de Seabra. - Lisboa : Livraria Bertrand, [1962]. - p. 185-187

Quando em 1498, durante o período da expansão marítima, os portugueses alcançaram a Índia, a literatura de viagens contribuiu para um sistema de referências simbólicas ocidental da cultura indiana. Goa, enquanto cidade capital do Império Português do Oriente, desde a conquista de Afonso de Albuquerque em Fevereiro de 1510, emergiu como um importante centro de difusão do cristianismo e um eixo comercial entre o Oceano Índico e o Mar da China.

Nos séculos XVI e XVII dizia-se que quem viu Goa não precisava de ver Lisboa.

Já no século XVIII, o cosmopolitismo e monumentalidade da Velha Goa Portuguesa entrou num período de decadência e ruína, devido às políticas anticlericalistas de Marquês de Pombal e à consequente transferência de capital para Pangim.

O Estado Português da Índia era uma colecção de comunidades nativas, governadas por chefes tribais por consentimento da administração colonial portuguesa, disposta a permitir um elevado grau de liberdade étnica e religiosa e que tolerava a continuidade dos costumes locais. Não obstante, entre 1947 e 1953, o governo indiano levou a cabo várias tentativas de negociação com Portugal na sequência da independência da Índia Britânica.

Depois da tomada de Dadra e Nággar Haveli em Julho de 1954, e fracassadas as tentativas de negociação, as forças militares da União Indiana invadiram os territórios portugueses de Goa, Damão e Diu em Dezembro de 1961. Após a anexação de Goa pelas Forças Armadas Indianas, declarada «a conquest by invasion», por decisão do Supremo Tribunal da Índia, os territórios de Goa, Damão e Diu ficaram directamente dependentes do governo indiano.

Ana Filipa Guardiã

RUMO À ÍNDIA

RECENSEAMENTO, INCORPORAÇÃO E RECRUTA

Para o soldado português nascido nos anos 30 do século passado, o caminho da Índia começava no serviço militar obrigatório. No ano em que completava 20 anos, o “mancebo” apresentava-se ao recenseamento anual no seu concelho de residência. Conforme o resultado da inspecção sanitária a que era submetido e as suas habilitações, o jovem era alistado e incorporado numa unidade de Infantaria, Artilharia, Cavalaria, Engenharia, Serviços de Saúde, entre outros, geograficamente distribuídas pelo território metropolitano e ilhas. A incorporação numa unidade chamava-se “assentar praça” e por isso os soldados eram geralmente chamados “praças” (palavra do género feminino). Seguia-se a “recruta”, o período de instrução militar básica, dispensada nas unidades. Ao fim de quatro meses de instrução e após a cerimónia de Juramento de Bandeira, o soldado estava “pronto”.

MOBILIZAÇÃO E PARTIDA PARA O ESTADO PORTUGUÊS DA ÍNDIA (E.P.I.)

Quando chegava a ordem de mobilização faziam-se os preparativos para a partida: realizavam-se os exercícios de instrução e recebia-se

o novo fardamento, adequado ao local da comissão; eram dadas as vacinas e as chapas identificadoras. Na véspera do embarque, as unidades despediam-se da localidade onde estavam sediadas: o capelão rezava uma missa na praça principal e as tropas desfilavam perante a multidão que acorria para os saudar.

As companhias localizadas fora de Lisboa embarcavam num comboio especial, geralmente durante a noite. O navio que os iria levar à Índia já esperava atracado ao cais. A maior parte das famílias vinha despedir-se dos seus filhos, irmãos ou noivos que, debruçando-se na amurada, trepando aos mastros e às baleeiras para os últimos acenos, emolduravam o navio no "Adeus, até ao meu regresso!"

[A VIAGEM DO N/T NIASSA PARA A ÍNDIA EM MARÇO DE 1961](#)

A 8 de Março de 1961 embarcava no navio Niassa um contingente de 1.355 militares que ia render tropas em comissão na Índia. O navio largou do cais da Rocha do Conde de Óbidos, em Alcântara, às 10 horas da manhã, rumou a Sul e dobrou o cabo de São Vicente de Sagres ao fim da tarde. De madrugada entrou no Mediterrâneo e passado uma semana aportava a Port Said, no Egipto, onde tinha início a travessia do Canal. Alguns oficiais e sargentos aproveitaram para conhecer as pirâmides e o Cairo, reembarcando na cidade de Suez. Em Adém, à saída do Mar Vermelho, uma curta paragem permitiu mais uma visita a terra. Depois de desembarcar tropas em Diu e Damão, o Niassa chegou ao porto de Mormugão, em Goa, na madrugada de 27 de Março de 1961. Todos estes homens acabaram Prisioneiros de Guerra.

4 fotografias dão conta da viagem do navio de transporte Niassa

1. A bordo do Niassa, Capitão Carlos de Moraes e Major Francisco de Moraes N/T Niassa. 03.1961, F. Moraes

2. Desembarque de tropas em Damão. Dada a agitação do mar, o pessoal foi desembarcado por guindaste. N/T Niassa, 25-3-1961, F Morais

3. A bordo do Niassa, Gincana infantil. N/T Niassa, 03.1961, F. Morais

4. A bordo do Niassa. A caminho de Damão. N/T Niassa ,03.1961, A. Valadar

MISSÃO DE SOBERANIA E PAZ

O "guia" intitulado "RUMO À ÍNDIA", publicado pelo Ministério do Exército e reeditado anualmente, era distribuído a todos os soldados antes da partida para o E.P.I. (Estado Português da Índia). Os seus conteúdos transmitem-nos a ideologia da época através da percepção que pretende fomentar sobre os territórios, as suas gentes, usos e costumes, e da forma como esclarece a missão idealizada para o soldado português na Índia. (imagem 1)

A MISSÃO

"É vosso dever garantir, a todo o custo, a manutenção da nossa soberania em Goa, Damão e Dio, e assegurar, na mais completa solidariedade, com os portugueses daqueles territórios, a defesa da paz, na Índia Portuguesa".

COMUNHÃO DE IDEAIS

"Ali encontrareis não só os vossos camaradas de Goa, Damão e Dio mas também outros, de Angola e Moçambique. São terras distantes que o mar une, em vez de separar. São portugueses e militares como vós, igualmente incorporados à sombra da mesma bandeira".

in "RUMO À ÍNDIA", Ministério do Exército, Direcção dos Serviços do Ultramar, 1956

Três fotos ilustram o núcleo Missão de Soberania e Paz

1. (imagem 1) Capa do livro "RUMO À ÍNDIA"
2. Parada do 5 de Outubro. 05.10 1960, J. Reis
3. Soldados do Esquadrão de Cavalaria de Bicholim. Goa, 1960, A. Ferreira

MISSÃO DE SOBERANIA E PAZ

Este núcleo é explicado através de 7 fotografias a preto e branco com imagens da vida quotidiana dos soldados portugueses na Índia.

1. Militares portugueses no cimo da igreja de São Tomé, onde estava aquartelada a Companhia de Caçadores de Diu. Diu, 1957, A. Espínola
2. Soldado Eduardo Reis do E. Rec. 3. Pondá, 1961, E. Reis
3. Confraternização com família goesa, o Sargento Diabinho à esquerda. s.d., F. Diabinho
4. Desfile militar numa rua de Damão, Letreiro Casa de Pasto Popular. 1961, A Farinha
5. Messe de oficiais das C. CAÇ. 11 e 12, em Damão. Damão, B. da Silva
6. Cinco miúdos e uma continência. Damão, 1961, A. Farinha
7. A Praça da Aguada, na entrada da barra na margem norte do rio Mandovi, construída entre 1604 e 1612, celebra 400 anos em 2012. Forte da Aguada, Goa, 1961, H. Sousa

INVASÃO

Na noite de 17 para 18 de Dezembro de 1961, a União Indiana, com um exército de cerca de 45.000 homens, dispondo de moderno material de guerra e apoiado por poderosas forças aéreas e navais, invade e ocupa os territórios de Goa, Damão e Diu, defendidos por cerca de 4.000, deficientemente armados e municidados.

- Morre heroicamente em combate, nos mares de Diu, o comandante da lancha Vega, segundo-tenente Jorge Manuel Oliveira e Carmo.

- A resistência portuguesa distingue-se nas guarnições da Ilha de Angediva, Forte da Aguada, Damão, Diu e aviso Afonso de Albuquerque.

- No dia 19, dá-se a rendição das tropas portuguesas, que ficam prisioneiras das forças indianas, durante cerca de cinco meses.

- Por solicitação de Portugal, é convocado o conselho de segurança das Nações Unidas em virtude da invasão do Estado Português da Índia. O Conselho condena a União Indiana mas a União Soviética opõe o seu veto.

PRISIONEIROS DE GUERRA

Este núcleo é explicado através de 6 fotografias a preto e branco sobre as diversas condições de vida dos prisioneiros nos campos de detenção.

1. Alojamento das praças durante o cativeiro. Campo de Prisioneiros de Pondá, Goa, 1962, H. Sousa

2. Alojamento das praças durante o cativeiro. Campo de Prisioneiros de Pondá, Goa, 1962, H. Sousa

3. Missa no Campo de Prisioneiros da Aguada. Campo de Prisioneiros do Forte da Aguada, Goa, 1962, J. Aranha

4. O bidão da sopa. Campo de Prisioneiros do Forte da Aguada, Goa, 1962, J. Aranha
5. Tenda dos sargentos do Comando. Pondá, Goa, 1962, E. Costa
6. Campo de Diu, Pondá, Goa, 1962, H. Geraldès

PRISIONEIROS NUM MUNDO EM MUDANÇA

Temos hoje tendência para sobrevalorizar o confronto político e diplomático entre os EUA e a URSS – Guerra Fria – que deu relevo ao dissídio ideológico entre o mundo demo-liberal ocidental e o comunismo do Leste europeu, facto que remete para uma zona de penumbra as outras facetas da vida mundial.

Um desses aspectos foi o processo de descolonização. Os povos até então colonizados ou na estrita dependência política e económica das potências europeias, reclamaram a autodeterminação e reivindicaram a sua presença no concerto das nações independentes.

A cronologia dos acontecimentos na segunda metade da década de quarenta e no decurso dos anos 50 confirma o movimento emancipador. Apesar dos esforços das metrópoles europeias para preservarem as suas possessões ultramarinas, as independências das nações asiáticas e africanas sucederam-se paulatinamente com o beneplácito das duas novas superpotências.

Com efeito, entre o fim do Raj britânico (1947) e a independência da Argélia (1962), os grandes impérios coloniais europeus do século XIX acabaram.

A ocupação dos enclaves portugueses de Goa, Damão e Diu pelas tropas da União Indiana em 17 de Dezembro de 1961, vive neste contexto de «tendência histórica». Assim se via à época a independência das antigas colónias e protectorados europeus, o que

explica ter a Assembleia Geral da ONU recusado condenar a acção do governo de Nova Deli – apesar dos direitos que muitos juristas reconheceram ao governo de Lisboa – a queixa ao Tribunal Internacional de Justiça, foi declarada juridicamente legítima. O Direito Internacional Público, por mais valioso que fosse para a defesa da civilização e da ordem internacional, não bastava para deter as pretensões dos países que integravam o Movimento dos Não-Alinhados, do qual a União Indiana, juntamente com o Egipto de Nasser e a Jugoslávia de Tito, tinha sido uma das fundadoras em Julho de 1956.

Este núcleo é ilustrado através de 6 fotografias a preto e branco sobre as diversas condições de vida dos prisioneiros nos campos de detenção.

Fotografias do cativo

1. Alojamento das praças durante o cativo. Campo de Prisioneiros de Pondá, Goa, 1962, H. Sousa
2. Alojamento das praças durante o cativo. Campo de Prisioneiros de Pondá, Goa, 1962, H. Sousa
3. Missa no Campo de Prisioneiros da Aguada. Campo de Prisioneiros do Forte da Aguada, Goa, 1962, J. Aranha
4. O bidão da sopa. Campo de Prisioneiros do Forte da Aguada, Goa, 1962, J. Aranha
5. Tenda dos sargentos do Comando. Pondá, Goa, 1962, E. Costa
6. Campo de Diu, Pondá, Goa, 1962, H. Geraldês

REPATRIAMENTO

“Durante toda esta viagem, quase todos os dias olhando o mar e o céu, voltei a ter as mesmas sensações que tive quando ia a caminho da Índia e por vezes esqueço-me que a situação é bem diferente.

Acordo desse sonho por fim e sinto uma grande amargura na alma.

Regresso triste, derrotado e desiludido. A consciência não me acusa de ter feito nada de indigno, mas também não fiz nada de especial. Nem sequer tive de lutar, de dar sequer um tiro. Vou muito triste como quem vem de assistir à morte de um amigo que mal tivera tempo de conhecer, mas que já lhe tinha entrado no coração; um amigo pela morte do qual, nós, militares não somos culpados, mas sobre quem, injustamente, vai cair a responsabilidade e a vergonha que devia caber a outros. Se tivéssemos seguido outro caminho, que era aquele que a maioria dos próprios goeses esperava...”

In, Diário de Roberto Durão

Este núcleo é ilustrado através de 6 fotografias a preto e branco sobre as diversas condições de vida dos prisioneiros nos campos de detenção.

1. Repatriamento de Prisioneiros de Guerra do Estado Português da Índia, N/T Moçambique. N/T Moçambique 1962, J Silvestre
2. Repatriamento de Prisioneiros de Guerra do Estado Português da Índia no Pátria. N/T Pátria, 05.1962, H. Monteiro
3. Repatriamento de Prisioneiros de Guerra do Estado Português da Índia. N/T Vera Cruz, 1962, F. Teixeira

Texto de Observatório Político

Cristina Montalvão Sarmento

José Adelino Maltez

Manuel Filipe Canaveira

Patrícia Oliveira

Ana Filipa Guardião

Teresa Furtado

PRISIONEIROS DAS CULTURAS CRUZADAS

«Quando Fernando Pessoa diz que «os portugueses descobriram a Índia nova que não vem nos mapas e é feita da matéria dos sonhos», e que os descobrimentos geográficos não foram mais (...) do que «um obscuro e carnal ante-arremedo», está prestando à Índia existente e viva a mais subtil das homenagens...» (António Quadros, «O caminho da Índia e a Pátria Essencial», Diário de Notícias. 17.01.1962).

Na sua primeira visita a Goa, em 1963, Nehru afirmou: «Goa tem uma personalidade distinta e nós temos que reconhecer isso. Seria uma pena destruir essa individualidade e nós decidimos mantê-la». E disse ainda: «É uma realidade mais sentida do que descrita». Nehru reconhecia que o modo de vida de Goa – as canções, a dança, a arquitectura, os costumes, e celebrações – era influenciado pela cultura portuguesa europeia e ocidental. Com a recepção do Dossiê de Goa, uma década de ausência de relações diplomáticas entre Portugal e a Índia, foi ultrapassada em Setembro de 1974. Após o reconhecimento da soberania indiana sobre os antigos territórios portugueses, a publicação da declaração conjunta, na 29ª Sessão das Nações Unidas, expressou o desejo de cooperação e preservação das relíquias históricas e religiosas indo-portuguesas presentes em Goa.

A marca simbólica do Padroado Português do Oriente constitui, ainda hoje, um eixo de cruzamento entre as duas culturas. De Margão, Mapusa ou Pangim, a Goa portuguesa mantém uma memória edificada e cultural que se manifesta na traça das casas indo-

portuguesas, no nome das ruas, nas centenas de igrejas e capelas, nos momentos de oração...

O universo politicamente sensível da época, ilustrado pelo álbum de memórias dos prisioneiros de guerra portugueses na Índia, testemunhava a influência, contingências e transformações da cultura portuguesa a Oriente.

A Goa de hoje faz parte de uma Índia de progresso e de desenvolvimento, resultado das suas contingências e experiências históricas de abertura ao mundo. No entanto, fá-lo sem quebrar o laço com a herança cultural portuguesa, nem com as suas raízes orientais.

[Ficha Técnica](#)

Título da exposição: Álbum de Memórias. Índia Portuguesa
1954.1962

No Padrão dos Descobrimentos de 30 de Setembro – 30 de Dezembro
2012

COMISSARIADO CIENTÍFICO

Fernanda Paraíso

COORDENAÇÃO

Margarida Kol de Carvalho

Maria Cecília Cameira

TEXTOS/OBSERVATÓRIO POLÍTICO

Cristina Montalvão Sarmiento

Ana Filipa Guardião

Isabel Madeira

Joana Ferreira

José Adelino Maltez

Manuel Filipe Canaveira

Maria João Cabrita

Patrícia Oliveira

Paulo Barcelos

Pedro Fonseca

Raquel Duque

Teresa Furtado

CONCEPÇÃO PLÁSTICA E REALIZAÇÃO

António Viana

CONSTRUÇÃO E MONTAGEM

Oficina de Museus

TRADUÇÃO

Kennis Translations

DESIGN GRÁFICO

RMAC Brand Design